

## **O PEQUENO PRÍNCIPE:**

### **O desenho e a relevância do ensino de artes para o desenvolvimento da criatividade na infância**

**ROBERTA PACHECO CAETANO BORGES<sup>1</sup>**  
**Faculdade Dom Alberto (FDA)**

#### **RESUMO**

O presente artigo tem por temática o ensino de artes para o desenvolvimento da criatividade na infância. Partindo da problemática de como o desencorajamento das atividades artísticas exemplificada pelo corpus de pesquisa do primeiro e segundo desenho narrados pelo personagem Aviador na obra francesa “o Pequeno Príncipe”. Nas aquarelas e sentimentos do personagem em seu processo criativo, traz o objetivo geral do estudo, que propõe de forma reflexiva compreender como o incentivo à prática do desenho na infância contribui para o despertar do pensamento de criação. Trata-se de um estudo bibliográfico, pois tem por objeto a análise de uma obra clássica. Para o embasamento foram utilizadas as teorias de Fisher(1987), Marcuse (1999) sobre o estudo da arte e estética, as artes visuais como forma de linguagem na educação infantil presente no livro Linguagens da arte na infância de Pillotto (2007), Vigotsky (2009) discutindo o desenvolvimento infantil, o imaginário e o processo criativo; entre outros autores. O Pequeno Príncipe é um dos clássicos mais famosos da literatura francesa, tem o autor e ilustrador na pessoa de Antoine de Saint-Exupéry, que em 1943, cria a obra diante de um contexto histórico conturbado e de experiências afetivas frustradas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de artes. Criatividade. Infância.

3700

#### **ABSTRACT**

The theme of this article is teaching arts for the development of creativity in childhood. Starting from the problem of how the discouragement of artistic activities is exemplified by the corpus of research on the first and second drawings narrated by the character Aviador in the French work “The Little Prince”. In the watercolors and feelings of the character in his creative process, he presents the general objective of the study, which proposes in a reflective way to understand how encouraging the practice of drawing in childhood contributes to the awakening of the thought of creation. This is a bibliographic study, as its object is the analysis of a classic work. For the basis, the theories of Fisher (1987), Marcuse (1999) on the study of art and aesthetics were used, visual arts as a form of language in early childhood education present in the book Languages of art in childhood by Pillotto (2007), Vigotsky (2009) discussing child development, imagination and the creative process; among other authors. The Little Prince is one of the most famous classics in French literature, its author and illustrator is Antoine de Saint-Exupéry, who in 1943 created the work in the face of a troubled historical context and frustrated emotional experiences.

**KEYWORDS:** Arts teaching. Creativity. Infancy.

---

<sup>1</sup> Pedagoga formada pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB(2016).  
Discente do Curso de Pós-Graduação *lato sensu* em Língua Portuguesa, Literatura e Artes.  
Faculdade Dom Alberto (FDA), 2021. E-mail: robertacaetanoborges@hotmail.com Lattes:  
<http://lattes.cnpq.br/1828939717241848> Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2673-9615>

## **INTRODUÇÃO**

A obra do francês Antoine de Saint-Exupéry “O Pequeno Príncipe” é fruto da “Revolução”, nascida no período de Ocupação de 1943, momento em que a literatura e demais artes desenvolvidas durante a 2ª Guerra Mundial foram denominadas “Resistência”, pois os artistas eram movidos pelo momento crítico e por sua criatividade. O famoso autor era estimado pelo público da França e dos Estados Unidos, sua escrita possuía um estilo próprio, e na medida em que publicava suas obras autobiográficas, atraía os olhares partidários da época.

Com base no pensamento de Marcuse (2016, p.18) que diz: “a obra de arte representa, portanto, a realidade, ao mesmo tempo em que a denuncia” é possível compreender o contexto da obra escolhida para análise desse estudo. Ainda, segundo o pensador, que buscou inspiração em Hegel; pois este define a estética como ciência do belo; Marcuse acreditava que através da arte é possível compreender a essência ao olharmos o exterior. Na dialética entre a arte e a estética é desenvolvida a verdadeira criação artística, que consiste na produção livre e elaboração da crítica conceitual.

O ensino de artes no período da infância como fator contribuinte no desenvolvimento criativo é o tema central da pesquisa, tendo como corpus de análise o livro “O Pequeno Príncipe” e a narrativa do primeiro desenho. O avião trata o desencantamento pelas artes aos seis anos como um dos fatores no bloqueio da criatividade na fase adulta.

O presente artigo propõe uma reflexão sobre como o ensino de artes, o período da infância, o desenho como linguagem, a motivação e a criatividade podem ser facilitadores para resolução de problemas quando adulto. A autoconfiança, imaginação e criatividade podem fazer toda a diferença no processo de aprendizagem do aluno da educação infantil.

Trata-se de um estudo bibliográfico, que tem por embasamento as teorias de Fisher (1987), Marcuse (1999) sobre o estudo da arte e estética. Numa abordagem sobre as artes visuais como forma de linguagem na educação infantil presente no livro “Linguagens da arte na infância” de Pillotto (2007), Vigotsky (2009) discutindo o desenvolvimento infantil, o imaginário e o processo criativo; entre outros autores.

## **2-FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

O ensino da arte na infância é a oportunidade de abrir o leque de potencialidades cognitivas para a formação da vida do indivíduo. Para Ernest Fisher (1987, p.20) “a arte é

necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo, mas arte também é necessária em virtude da magia que é inerente”. O filósofo e pedagogo, John Dewey (1934, p.3) diz que a manifestação, registro ou celebração de vida de uma civilização é uma expressão estética que enaltece as qualidades daquele povo.

O pesquisador do pragmatismo na visão de Dewey, Clóvis Falcão em seu artigo destacando o lado “Estético e Social” da obra do pedagogo, pontua a “civilização” como forma legítima de comunicação e participação dos valores, e as produções artísticas simbolizam o lado mais sensível dessa troca de experiências de vida. Destaca-se:

A obra de arte, ao despertar esses sentimentos, desperta não somente o prazer sensível, mas também o pertencimento a uma cultura, a ligação entre artista e espectador num objeto que é, de certa maneira, uma miniatura da compreensão do homem sobre si e seu meio. Uma boa obra de arte é aquela que permite ao observador ultrapassar as qualidades imediatas e perceber o universal; nesse processo, o espectador também é artista, na medida em que contribui com suas próprias concepções e com a disposição para perceber a substância por trás das formas.  
(FALCÃO, 2013, p.300)

Já o historiador Federico Morais (1989) enfatiza que a criação da arte é como ver o mundo como que pela primeira vez, é um eterno aprendizado das coisas, objetos; é dar novos sentidos às coisas já existentes, enfim, “é reconstruir, reconduzir e reinventar”. O conceito da arte transforma-se de sociedade a sociedade, cada grupo social possui sua definição, a cultura de um povo reflete suas emoções e sensações, enfim a essência humana. Podemos compreender a ideia desse movimento artístico dentro da própria história da arte.

## **2.1- Contexto histórico da arte**

Na Antiguidade, a concepção da arte como representação da realidade foi se aperfeiçoando com o pensamento filosófico de Aristóteles; o sentido da arte passou do campo estético numa associação ao criativo, no seu uso racional, porém não descartando as sensações. Durante a Idade Média possuía duas vertentes: as intelectuais e as mecânicas; as artes manuais eram inferiorizadas em relação as que exigiam o raciocínio lógico para existir, foram denominadas de “arte popular” e “arte erudita”.

A ordem cronológica da história da arte define também o tipo de criação. A arte rupestre ou pré-histórica é representada pelos desenhos e pinturas nas cavernas, que presenteavam o medo e a vida cotidiana do homem na época paleolítica. No período que antecede o Renascimento surge a arte sacra, concebida pela religiosidade, as esculturas de

santos, esculturas e pinturas nas igrejas faziam parte desse período. A arte barroca criada no fim da Idade Média foi marcada pelos contrastes de figuras profanas, eróticas, dualismo entre céu e inferno, o bem e o mal; representava o momento histórico: reforma e contrarreforma, surgimento da burguesia, antropocentrismo, humanismo e cientificismo.

Na Revolução Industrial, inicia-se a arte moderna carregada de ideologias, muitas vezes com críticas partidárias, criada pela preocupação no conceito criativo-reflexivo e não estético. No Brasil esse movimento ganhou força resultando na Semana da Arte Moderna (1922); nesse modernismo dá-se espaço para arte abstrata, como forma de repúdio ao academicismo e a favor da liberdade de expressão, origina-se as vanguardistas europeias. O grande nome desse momento marcante para a arte brasileira fora Tarsila do Amaral.

No século XX, o conceito de arte tornou-se mais abrangente, pois o movimento artístico denominado contemporâneo pauta a originalidade, mas também permite que o próprio expectador sinta, toque e experimente a criação. A função da arte pós-moderna é estreitar a compreensão artística explorando a raciocínio e a sensibilidade humana. E por fim, existem ainda as artes visuais; modalidade que amplia o movimento artístico e o distancia cada vez mais de uma definição; pois com as tecnologias, a velocidade das informações; a principal característica dessa arte é que ela relaciona o seu objeto de análise através do campo da visão; ou seja, são todas as coisas visíveis aos olhos. São exemplos de artes visuais: cinema, escultura, pintura, fotografia, artesanato, dança, design gráfico, arte multimídia, entre outros. O desenho também se encaixa nessa classificação, sendo este o ponto de partida para nosso estudo.

3703

### **2.1.1 Um breve histórico sobre o ensino da arte no Brasil**

No Brasil Colônia, de acordo com Saviani (2013, p.29), a educação foi de inculcação dos costumes dos colonizadores, ensinando técnicas, práticas, símbolos, religião, valores; a catequese como forma de conversão, incluía ensino da arte (teatro, música, artesanato, entre outros). Segundo Aranha (2006, p.141-166), as crianças indígenas (curumins) aprendiam a ler e a escrever, e para chamar a atenção dos alunos os jesuítas usavam a arte como recurso metodológico. No século XVI, os cursos superiores passaram a incluir o ensino de artes; os nobres além de saber ler, escrever e contar, também aprendiam a arte erudita; já as camadas mais desfavorecidas recebiam a educação jesuíta voltada para a formação de artesãos e de outros ofícios.

Passando para o período barroco, na perspectiva de Nascimento (2008), a educação artística era feita com base na cultura europeia, mas os índios muitas vezes mesclavam seus costumes. Nesse período a educação voltada para artes era passada de geração em geração. Chega ao fim a era jesuítica no Brasil – mas precisamos destacar a importância da educação dessa fase histórica; pois o modelo educacional marcou várias áreas do conhecimento, incluindo a arte. No período pombalino, houve grande queda no ensino de artes, retomando em 1808, com a chegada da família real ao país, o que culminou no surgimento da Academia Imperial de Belas Artes, inaugurada em 1826; porém o ensino de artes tornou-se elitizado no país.

Para a nobreza, o desenho serve para distração e ocupação do tempo ócio, não como profissão, somente para aguçar o bom gosto estético. A Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971, passa a vigorar-se no que trata da reforma, na qual foi introduzida a Educação Artística no currículo escolar, configurando-se em conteúdo como desenho, música, trabalhos manuais, canto coral e artes aplicadas (Brasil, 1971).

Em 1922, a arte reconstrói-se no país com a publicação da Semana de Arte Moderna, rompendo com a conjectura acadêmica. No início do século XX, o ensino do desenho permanece como instrumento de qualificação para o trabalho, principalmente para as minorias. Entre os anos de 1930 e 1970, o ensino do desenho se estabelece nos aprendizados da representação natural, decorativos, geométricos e pedagógicos, práticas motivadas no teórico e científico. Em “A educação pela arte”, obra de 1943, discute-se a tese da finalidade da educação que deve consistir na liberdade individual.

Quanto à legislação, de 1970 a 1980, o ensino de artes passa por transformações significativas; a influência do Pedagogo Paulo Freire(1997), Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que regulamenta a educação no Brasil; Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) que após vinte anos, em 20 de dezembro de 2017 foi anunciada a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que abrange a Educação Infantil e Ensino Fundamental. O ensino de artes na BNCC visa:

[...] a expandir seu repertório e ampliar sua autonomia nas práticas artísticas, por meio da reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os conteúdos artísticos e seus elementos constitutivos e também sobre as experiências de pesquisa, invenção e criação. (BRASIL, 2017, p. 195).

De acordo com Marcuse (1999, p. 66), “a arte abre uma dimensão inacessível a outra experiência, uma dimensão em que os seres humanos, a natureza e as coisas deixam de se

submeter à lei do princípio de realidade, hoje dominante”. No mundo de inúmeras possibilidades a serem construídas quando rompemos com o modo automático e a coação do fazer, construímos nosso próprio conceito, através do pensamento crítico; hábito que precisa ser desenvolvido desde a infância.

## 2.2. Artes visuais/ Desenho: A infância, o ensino e a criatividade

As pesquisas da psicologia sobre o desenvolvimento das crianças, de acordo com Osinski (2001, p.59), despertaram uma nova visão para a educação, enfatizando a importância do ensino de artes no período da infância. Ao analisarem as ações e a criatividade natural do indivíduo nessa etapa da vida, provocou-se no campo científico uma inquietude para um ensino que valoriza o pensamento criativo. O debate sobre a crítica como fator primordial na pedagogia da autonomia ia à contramão da educação tradicional, na qual o professor detém o conhecimento e o aluno recebe de forma mecânica e conseqüentemente, apenas reproduz. Nesse modelo de educação, o homem não possui a função transformadora de sua realidade, o que condena as gerações futuras à opressão da escola como aparelho reprodutor do Estado que atende a demanda de uma cultura dominante.

Porém, isso é um assunto para “pessoas adultas”, que “valorizam os números”; já dizia o narrador personagem na obra do Pequeno Príncipe. Na junção dos estudos da psicologia analítica comportamental do indivíduo com a educação, favoreceu-se o pensar no processo de ensino-aprendizagem, colocando a arte em destaque por desenvolver o estímulo para raciocínio lógico, a criatividade e sendo uma prática conduzida de forma pedagógica, proporciona o aumento da autoestima. Podemos compreender esse conceito na fala dos pesquisadores:

O ensino da Arte passa a incorporar a psicologia e o desenho da criança passa a ser supervalorizado em seu ato de “livre expressão” criadora, no reconhecimento da autoestima e de si. Alguns professores chegam a exercer as ideias da “livre expressão” ao extremo, por acreditarem que o processo criativo do aluno não deve ser interferido para que não seja prejudicado (FERRAZ; FUSARI, 2010: 36-37).

O desenho da criança sendo reconhecido como processo educativo e encarregado por estimar os alunos no desenvolvimento da sua criatividade ou de suas ideias de “livre expressão”, traz ao ensino artístico uma relevância enorme em relação a outras ciências. Ferraz & Fusari (2010, p. 36-37), sublinha a função do professor-intermediador no processo

criativo infantil, no qual a autonomia deve ser mantida para não alterar o desenvolvimento artístico.

O conceito de atividade criadora está presente na obra “Imaginação e criação na infância” do psicólogo bielo-russo Lev Vygotsky, o autor define esse exercício criativo como “algo novo” e o compara com o processo de desenvolvimento infantil, pois a cada etapa aparecem novas características.

A trilharmos esse caminho para o entendimento do processo criativo, do desenho como “livre expressão” e construção da autoestima, analisaremos trechos de uma produção literária que encantou o mundo, com uma linguagem única e uma mensagem cheia de simbolismo e arte.

### **3 DISCUSSÃO E RESULTADOS DA PESQUISA**

A pesquisa está pautada no método bibliográfico. Ao longo do trabalho trouxemos para a construção do pensamento temático do estudo, obras e autores de suma relevância para a discussão. Foi feito um percurso pelos conceitos básicos do ensino da arte, da infância e uma breve introdução sobre a obra escolhida para analisarmos.

3706

#### **3.1. O autor e o contexto da criação**

“O Pequeno Príncipe” nasceu num momento em que o processo artístico estava voltado contra o Nazismo. Nesse período, a liberdade de expressão estava banida; então, surge a literatura como forte arma capaz de denunciar a opressão da época. Antoine de Saint-Exupéry, de acordo com Frazão (2017), era “O poeta da aviação”, também foi intitulado como “o cavaleiro do céu” por fazer parte da aviação.

O livro de 1943 teve vários títulos “Carta a um amigo”, “Carta a Léon Werth” e “Carta a um refém”. Segundo a AMAB - Associação Memória da Aéropostale no Brasil (2017), a literatura foi escrita em um formato de carta quando esteve no exílio em solo norte americano no ano de 1942. O seu amigo estava exilado na França e sofria repressão; por isso, a narrativa fala sobre amizade, viagens e experiência da vida de forma poética.

**Figura 1-** Antoine de Saint-Exupéry



Fonte: [https://br.pinterest.com/wol\\_peter1/antoine-de-saint-exup%C3%A9ry/](https://br.pinterest.com/wol_peter1/antoine-de-saint-exup%C3%A9ry/)

Foi em 1942, entre o verão e o outono, que o autor escreveu e desenhou “O Pequeno Príncipe”; entre sentimentos de saudades da França, embora derrocada, tristeza pela sua situação conjugal e amizade por Léon Werth.

**Figura 2-** O Pequeno Príncipe



Fonte: <https://elivros.love/livro/baixar-livro-o-pequeno-principe-antonie-de-saint-exupery-em-epub-pdf-mobi-ou-ler-online>

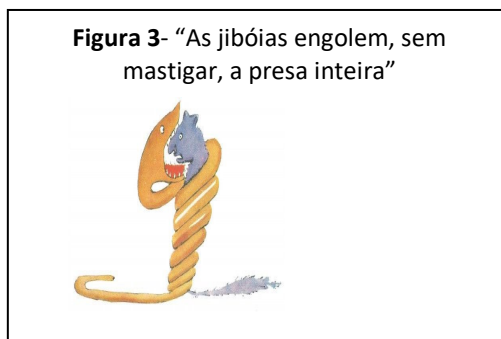
Meira (2014, p. 53) justifica esse processo de criação, pontuado em Exupéry (2009) como o desdobramento de uma experiência que trabalha desde um atuar em supervisão à uma ação que se conforma como subjetividade. Esse processo é carregado de vivências que se formam dos indicadores culturais e emocionais, as quais são possíveis se unirem com outras experiências, num processo criativo contínuo.

### 3.2. O desenho e a reflexão sobre o processo criativo na infância

As ilustrações do livro “O Pequeno Príncipe” são do próprio autor. E logo na primeira página do texto, o personagem narrador – o aviador/piloto – conta a história de uma

experiência vivida aos seis anos de idade, ao observar o livro “Histórias vividas sobre a floresta virgem”.

Eis a cópia do desenho:



Baseado na figura 3, o aviador refletiu sobre as aventuras da selva, pegou lápis de cor e fez sua releitura. De acordo com Paulo Freire (1995, p. 60), a aprendizagem de releitura provoca o exercício de uma nova linguagem. Não é possível reler se não reformo o antigo, se não os reinvento. A criança fazendo uso da imaginação faz releituras incansáveis sobre o mesmo tema, imita, pinta de diversas cores, desenha de várias formas. Nessa brincadeira, a criança expressa seus sonhos, fortalece a sua coragem de experimentar a novidade do conhecimento.

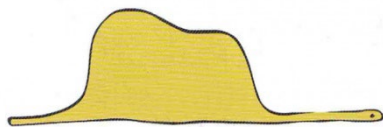
3708

Para Lowenfeld e Brittain (1972, p. 2),

[...] o desenho, a pintura ou a construção constituem um processo complexo, no qual a criança reúne diversos elementos de sua experiência para formar um conjunto com um novo significado. Nesse processo de selecionar, interpretar, reformar esses elementos, a criança fornece algo mais que um desenho ou uma escultura: nos proporciona uma parte de si mesma: como pensa, como sente, como vê. Para ela a arte é uma atividade dinâmica e unificadora.

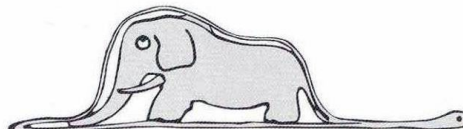
O primeiro desenho do aviador foi uma releitura, com base na sua reflexão sobre o livro lido a respeito das Histórias vividas na selva virgem. Diz Exupéry (2015, p.07) “Mostrei minha obra-prima às pessoas grandes e perguntei se meu desenho lhes dava medo” [...] Eles responderam: “Por que um chapéu daria medo?”. De acordo com Bjorkvold (2018, p. 54), a fantasia concebe para a mente curiosa uma investigação de significado, de contexto, de ordem – uma explicação. Contudo, a fantasia para a criança não é a síntese da razão, mas a condição. Seguir a própria imaginação numa invenção estética é um meio natural de alcançar o conhecimento.

**Figura 4-** Meu desenho número1



Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2015.

**Figura 5-** Meu desenho número2



Fonte: SAINT-EXUPÉRY, 2015.

No outro trecho do livro justifica a figura 4, em que o piloto afirma: “Meu desenho não representava um chapéu [...] Foi assim que abandonei, aos seis anos, uma magnífica carreira de pintor”. Ao levantar a questão da explicação para a “livre expressão” da arte é importante ressaltar que arte é subjetiva, pois seu processo criativo é livre. Ao explicar seu desenho, o pequeno aviador questiona o fato das pessoas grandes não compreenderem nada sozinhas; diz que para as crianças é muito cansativo justificar a sua arte. E então enfatiza:

Se lhes dou esses detalhes sobre o asteroide B612 e lhes confio seu número, é por causa das pessoas grandes. As pessoas grandes adoram os números. Quando lhes falamos de um novo amigo, elas jamais se interessam pelo essencial. Não perguntam nunca: Qual é o som da sua voz? Quais os brinquedos que prefere? Será que coleciona borboletas? Mas perguntam: “Qual é sua idade? Quantos irmãos ele tem? Quanto pesa? Quanto ganha seu pai? Somente então é que elas acreditam conhecê-lo. (SAINT-EXUPÉRY, 2015, p.17)

3709

Ao analisarmos as palavras do autor a respeito do olhar, de saber enxergar o outro além da estética, descobrir a essência existente em cada indivíduo; é possível trazer a narrativa para o campo educacional, destacando a interação professor x aluno no contexto da sala de aula. Será o próximo tópico que abordaremos.

### **3.3. O professor do ensino de artes e seu papel no desenvolvimento da criatividade infantil**

É interessante e grandiosa a mensagem deixada na obra de Saint-Exupéry (2015), sem uma abordagem afetiva, de confiança, o educador não consegue chegar à essência e muito menos desenvolver a aprendizagem com o aluno. O professor precisa está ciente do quão relevante é o ensino da arte para a criança. O trecho do livro que define a transformação da realidade da criança, o lúdico como incentivo para elevar-se a autoestima, é perceptível na fala em que o aviador diz: “A prova de que o pequeno príncipe existe é que ele era encantador, que ele ria, e que ele queria um carneiro. Quando alguém quer um carneiro é porque existe”.

Mesmo que no campo da estética material não exista, na imaginação existem muitos planetas para conhecer.

Para entender o processo criativo da criança, notemos a orientação na perspectiva de Larrosa (2002, p. 24):

[...] requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

A função do professor é intermediar o processo criativo, em qualquer área do conhecimento. Pois, uma criança que tem na escola um ambiente propício para desenvolver o pensamento crítico através do ensino das artes e tem no seu educador o seu fã, para incentivá-lo, mostrar possibilidades e fazê-lo ver o mundo, ver o belo, compreenderá a essência da vida.

Encerramos com a seguinte perspectiva do aviador: “E eu corro de ficar com as pessoas grandes, que só se interessam por números.” O personagem remete agonia das coisas exatas, e continua sua afirmativa dizendo: “Foi por isso que comprei uma caixa de tintas e alguns lápis. É difícil voltar a desenhar, na minha idade, quando não se fez outra tentativa além das jiboias fechadas e abertas, aos seis anos de idade”. Ao questionar a dificuldade de reaver a criatividade, a imaginação da infância, o viajante relembra os desenhos da criança criativa que desenhava coisas inimagináveis aos adultos que o rodeava.

Para Lowenfeld e Brittain (1970, p. 30), o ensino artístico instiga o emprego dos sentidos da criança no processo criativo e traz a capacidade de ampliar os conhecimentos, facilitando-lhe a interação com o seu ambiente. O papel do educador consiste em incentivar o desenvolvimento intelectual das crianças por meio de um foco sistemático sobre o desenho simbólico, de acordo com Edwards (1999, p. 21). As crianças pequenas precisam ser encorajadas a explorar seu ambiente e a expressar a si mesmas através de todas as suas linguagens correspondentes (pinturas, montagens, escultura, teatro de sombras, colagens, dramatizações, música, entre outros), porém aqui destacamos o desenho.

## **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo da arte é um campo privilegiado, a ciência que contempla a estética e valoriza a essência. O que concluímos na dialética do ensino artístico no período da infância, sob o olhar e a crítica do personagem aviador é que por mais que seja de suma relevância a educação nessa modalidade, o professor precisa estar atento às práticas educativas no processo criativo do aluno. Os equívocos da simplicidade na compreensão do desenvolvimento da criatividade infantil dificultam o diálogo entre professor e aluno.

O desenho como forma de releitura é um recurso didático importante para encorajamento artístico de crianças na educação infantil. O educador não pode intervir nesse processo, pois a arte e a criação são subjetivas e dependerá também das experiências que cada um carrega consigo. Descobrir a nossa essência é arte! O Livro “O Pequeno príncipe” está além do que a literatura pode alcançar, sua compreensão excede a existência, vai ao imaginário de adultos e crianças, tomando espaço no campo filosófico.

A obra é um clássico da literatura francesa e possui caráter crítico que denuncia tanto as emoções como o momento social em que o autor vivia. Enfatizamos que a aprendizagem depende, basicamente, dos motivos inerentes: uma criança aprende melhor quando se sente estimada, segura de si. A arte é a vida, é inspiração; o ensino nesse contexto não se dissocia das experiências físicas, motoras, sociais e emocionais, contudo o acesso às atividades artísticas cria e oportuniza o pensamento intelectual mais propício a solucionar os problemas, a transformar o mundo.

Ser um educador no campo do ensino de artes, é ser o escultor da maior obra de arte da humanidade, é ser intercessor de almas que sonham e realizam, na medida em que são cuidadas com a afetividade. Sigamos as palavras daquele do aviador: “Olhem o céu. Perguntem a si mesmos: Terá ou não terá o carneiro comido a flor? E verão como tudo fica diferente”. O aviador continua enfatizando: “E nenhuma pessoa grande jamais compreenderá que isso possa ter tanta importância”. Acredite, seu aluno será um grande desbravador de sonhos, apenas olhe para o desenho e veja além da estética, aprecie a arte, nela habita a essência das coisas.

## REFERÊNCIAS

- AMAB. Associação Memória da Aéropostale no Brasil. **Saint- Exupéry: perfil, vida e obra.** 2017. Disponível em: <https://amab-zeperry.com/saint-exupery/perfil/> Acesso em: 14 /03/2021.
- ARANHA, M. L. A. (2006): **História da educação e da pedagogia: geral e Brasil.** 3ª ed. Moderna, São Paulo.
- BJORKVOLD, J.-R. **Música, inspiração e criatividade: uma linguagem universal.** Tradução de Leonardo Pinto Silva. São Paulo: Summus, 2018.
- BRASIL. Presidente da República (1971, 12 ago.): Lei n. 5.692, de 11 de agosto de 1971. Fixa Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Diário Oficial da União, p. 6.377.  
Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L5692.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L5692.htm). Acesso em 26/02/2021.
- BRUST, Josiane Regina. **A influência da afetividade no processo de aprendizagem de crianças nos anos iniciais do ensino fundamental.** 2009. 40 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual de Londrina, Londrina. Disponível em: . Acesso em: 04 jun., 2018.
- DEWEY, J. (2010). **Arte como experiência** (V. Ribeiro, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Obra original publicada em 1934).
- EDWARDS, C. et al. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância.** Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FALCÃO, Clóvis. **O pragmatismo estético e social de John Dewey.** Revista Acadêmica da Faculdade de Direito do Recife, 2013. v. 85, n. 1.
- FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. (2010): **Arte na educação escolar.** 4ª ed. Cortez, São Paulo.
- FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte.** 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987. 254 p.
- LARROSA, J. **Linguagem e educação depois de Babel.** Belo Horizonte: Autêntica 2004.
- LOWENFELD, V.; BRITAIN, W. L. **Desenvolvimento da capacidade criadora.** São Paulo: Mestre Jou, 1970.
- MARCUSE, H. **Reason and revolution – Hegel and the rise of social theory.** Boston: Beacon Press, 1960.
- MEIRA, M. **O sentido de aprender pelos sentidos.** In: PILLOTTO, S. S. D.; BOHN, L. R. D. (org.). **Arte/educação: ensinar e aprender no ensino básico.** Joinville: Editora Univille, 2014.

MORAIS, Frederico. **Arte é o que eu e você chamamos arte.**- Rio De Janeiro: Record. 1998.

OSINSKI, Dulce. **Arte, história e ensino: uma trajetória.** São Paulo: Cortez, 2001.

PILLOTTO, Silvia Sell Duarte. **Linguagens da arte na infância.** Joinville: Ed. Univille, 2007.

SAINT-EXUPÉRY, **Antoine de. O Pequeno Príncipe.** 1. ed. São Paulo: Editora Escala, 2015.

SAVIANI, D. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 4ª ed. Autores Associados, Campinas. . 2013.

VIGOTSKY, L. S. **Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico.** Apresentação e comentários Ana Luiza Smolka, tradução de Zoia Prestes. São Paulo: Ática, 2009.